



DIALÓGOS SOBRE DIVERSIDADE SEXUAL E HOMOFOBIA NO AMBIENTE ESCOLAR

Robson Dantas Alves
Colégio Estadual Fernando Spínola (CEFS-SEC/BA), Brasil
Endereço eletrônico: robsondantas@msn.com

INTRODUÇÃO

Percebe-se no cenário atual um grande aumento das discussões de temáticas sobre a diversidade sexual em diferentes contextos, sejam governamentais ou não governamentais, nas esferas educacionais ou nos núcleos familiares, o que tem problematizado a homofobia e, por conseguinte, estimulado o diálogo, a visibilidade da comunidade LGBTQI e, conseqüentemente, a criação de políticas públicas e a implementação de ações afirmativas de combate à violência e à discriminação. Por outro lado, diante da polarização que houve na última eleição presidencial em nosso país e, sobretudo, à custa dos discursos fundamentalistas religiosos proferidos por um grupo de pessoas que compõem o núcleo governamental, é perceptível também um aumento do preconceito e da violência àqueles que não se enquadram no perfil heteronormativo imposto pela sociedade.

Com relação a essa prática, Abramovay et al., apontam que tais atitudes são legitimadas “por padrões culturais que cultivam simbólica e explicitamente hierarquias e moralismos em nome da virilidade, da masculinidade e da rigidez que codifica uma determinada vivência da sexualidade como a normal, a consentida” (ABRAMOVAY; CASTRO; SILVA, 2009, p. 278).

Nesse âmbito, um dos grandes desafios na educação brasileira, na contemporaneidade, é trabalhar as questões relacionadas às diversidades, de uma forma geral, vencendo os preconceitos e a partir deles criar estratégias e discussões para o amparo legal e para a implantação de políticas públicas que sejam condizentes com a garantia dos direitos dos cidadãos, em sua plenitude.

É muito comum no ambiente escolar as formas depreciativas como os colegas de classe, na maioria das vezes do sexo masculino, se reportam uns aos outros fazendo referência à masculinidade trazida por uma cultura historicamente machista, na qual



durante muito tempo, o gênero feminino foi caracterizado como “sexo frágil”, cabendo às mulheres as funções relacionadas ao cuidado com os filhos, o marido, a família e a casa. Ainda hoje, em pleno século XXI é comum ouvir a expressão “chefe de família” se referindo ao homem que por sua vez é responsável pelo sustento da família. Ocorre que os tempos mudaram, mas apesar das significativas mudanças culturais, a socialização de meninos e meninas ainda é marcada pela diferenciação, desde a escolha de brinquedos e brincadeiras até a imposição na cor da roupa como sendo adequada ou não. Tudo isso é perceptível no ambiente escolar e, algumas vezes, até mesmo estimuladas pelos profissionais de educação, de forma inconsciente ou de forma velada.

Os educadores, por serem reflexos da sociedade, assumem o importante compromisso de assegurar a liberdade de expressão e, de certo modo, faz-se necessária a compreensão de que o posicionamento acerca das questões relacionadas à gênero e sexualidade como sendo uma determinação estável, segura ou supostamente imutável configura-se, tão somente, como convenções sociais violentas e arbitrárias que tentam trazer ou construir uma inteligibilidade sobre os corpos. A escola é, pois, um espaço político importante para o exercício da liberdade das crianças, dos adolescentes e dos jovens.

Podem ser observados casos de agressões físicas ou psicológicas relacionados às questões de gênero e diversidade sexual no ambiente escolar, o que configura a violência na forma de bullying homofóbico e transfóbico, com base na orientação sexual ou identidade de gênero percebidos. Segundo Carvalho et al. “também podemos constatar com base na nossa experiência profissional, que a nossa cultura escolar é marcadamente homofóbica” (CARVALHO et al., 2010, p. 260).

O presente estudo versa sobre a abordagem da temática diversidade sexual e homofobia no contexto escolar, para que o acesso ao conhecimento possa proporcionar diálogos com os agentes envolvidos no ambiente educacional. Por se tratar de uma temática polêmica e reconhecendo que a sexualidade está presente a todo instante em nossas vidas, desde conversas informais, literaturas diversas e até mesmo evidências marcantes na mídia, no contexto atual da sociedade, percebe-se a relevância desse estudo, correlacionando sexualidade e orientação sexual a partir de uma perspectiva inclusiva



onde se reconheça e se respeite a pluralidade das identidades e dos comportamentos relacionados ao tema em questão.

Os objetivos do estudo foram a identificação das concepções/visões que os alunos e professores de um determinado colégio da rede pública estadual têm acerca do tema diversidade sexual com o intuito de oferecer uma análise das possíveis contribuições do currículo para a superação dos preconceitos em relação à temática abordada, bem como o estímulo à prática de experiências que possam ser ampliadas e disseminadas nas classes, no combate ao preconceito, discriminação e violência homofóbica.

METODOLOGIA

O estudo possui como abordagem metodológica a pesquisa qualitativa e quantitativa, com realização de trabalho de campo desenvolvido em uma Escola Pública de Ensino Fundamental e Médio, localizada no município de Vitória da Conquista - BA. O público alvo da presente pesquisa foram professores de diversas áreas e alunos do Segundo Tempo Formativo, Eixo IV (EJA), que contribuíram com o trabalho investigativo mediante assinatura no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, que possui como intuito a livre participação das atividades relativas à pesquisa, bem como o esclarecimento dos seus principais objetivos e sua relevância acadêmica.

Para a coleta de dados empíricos, num primeiro momento foram aplicados questionários ao público-alvo, contendo questões objetivas e subjetivas, visando a coleta de informações necessárias para se fazer uma análise do estudo. Segundo Gil (2009) a interpretação de dados objetiva sintetizá-los e organizá-los para se chegar às soluções dos problemas propostos no estudo, buscando formas mais amplas de responder os problemas da investigação. Numa segunda etapa foram realizadas seis oficinas durante dois bimestres letivos, com abordagem das temáticas sexualidade, gênero e diversidades sexuais, tendo como suporte a utilização da série de Fascículos *Adolescentes e Jovens para a Educação entre Pares, do Projeto Saúde e Prevenção nas Escolas (SPE)*, produzido pelo Ministério da Saúde em parceria com o Ministério da Educação, no ano de 2011.



RESULTADOS E DISCUSSÕES

Fazendo uma análise dos questionários respondidos pelos professores e alunos observou-se que a questão da diversidade sexual ainda é um tabu dentro da escola onde foi realizado o estudo, conforme descrito em alguns trechos abaixo, quando questionados se a temática é trabalhada de forma clara e espontânea dentro da escola:

“- Quase nunca é abordado, mas creio que seja um assunto familiar”;

“- Não é abordada. Raríssimamente, muito superficial. Essas questões são camufladas, abafadas. Não há “espaço” nessas unidades escolares para tratar desses assuntos”;

“- Acho que é pouco abordada, ainda é um tabu, mesmo sendo colocado a todo instante pela mídia e sendo presenciado por todos nós em diversos lugares. A escola não está sendo contra, mas não abraça a causa e se mantém distante ainda”;

“- Concordo que o assunto ainda é tratado de forma meio “camuflada”. Não percebo muita preocupação em tratar o assunto”;

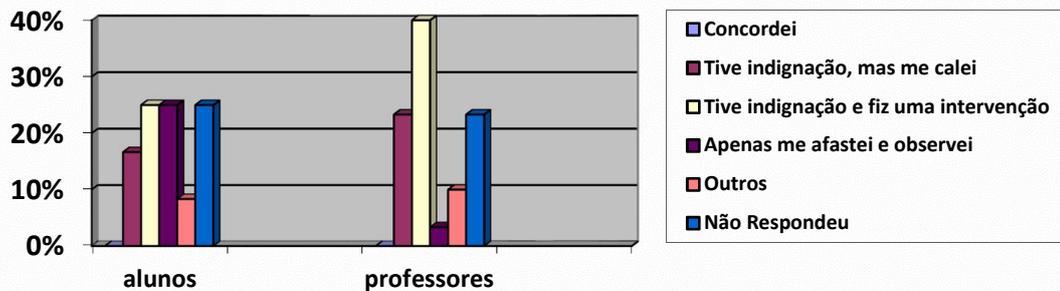
“- Nunca houve abordagem”;

“- O tema ainda é tratado de maneira muito tímida, inclusive ainda apresentando o caráter de tabu entre muitas pessoas”;

“- De forma parcial, pois existe ainda muito preconceito e discriminação no ambiente escolar. Também há resistência dos educadores em aprofundar o assunto”.

Nota-se, portanto, a presença do mito que o sexo não deve ser discutido na sala de aula, o que aumenta as divergências entre as diversidades sexuais existentes. Ainda na pesquisa, constatou-se que 63,3% dos docentes entrevistados não se sentem preparados para trabalhar as questões de gênero, sexualidade e diversidade dentro da escola. Sobre o aspecto da violência homoafetiva ou da LGBTfobia, quando foi perguntado aos participantes da pesquisa se já haviam presenciado casos de homofobia e de que forma reagiram diante de tal situação, foi constatado por meio das respostas que menos de 50% dos entrevistados tiveram indignação e ao mesmo tempo fizeram uma intervenção, conforme gráficos da figura 1:

Figura 1. Como se sentiu ao presenciar atos de preconceito e discriminação contra homossexuais?



FONTE: a própria pesquisa.

Tais informações remetem ao pensamento de Abramovay et al., que consideram que: “muitas expressões de preconceitos e discriminações em torno do sexual tendem a ser naturalizadas, até prestigiadas e não entendidas necessariamente como violência” (ABRAMOVAY; CASTRO; SILVA, 2004, p.278).

CONCLUSÕES

A partir do estudo realizado infere-se que a temática diversidade sexual ainda é um tabu dentro das escolas. Segundo uma pesquisa realizada pela UNESCO em 2002, ficou apontada que a maior parte dos profissionais da educação que atua nas escolas básicas do Brasil demonstra atitudes e percepções preconceituosas com relação à diversidade de gênero e sexualidade (UNESCO, 2004, p. 144). Percebe-se, portanto, a necessidade de enfrentamento dessa situação no cenário educacional para que tenhamos escolas capazes de oferecer no contexto de formação continuada de seus professores o conhecimento e valorização da diversidade, oferecendo novos conceitos, argumentos e informações para a percepção da realidade e para o cumprimento de sua função social.

PALAVRAS-CHAVE: Diversidade Sexual; Educação; Homofobia.



UESB
UNIVERSIDADE ESTADUAL
DO SUDOESTE DA BAHIA



**XIII Colóquio Nacional
VI Colóquio Internacional
DO MUSEU PEDAGÓGICO - UESB**
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

**15 a 18
outubro
2019**

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, M.; CASTRO, M. G.; SILVA, L. B. Juventudes e sexualidade. Brasília: UNESCO. Brasil, 2004.

ABRAMOVAY, M. (Coord.); CUNHA, A.; CALAF, P. Revelando tramas, descobrindo segredos: violência e convivência nas escolas. Brasília: Rede de Informação Tecnológica Latino-americana – RITLA, Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal – SEDEF, 2009.

CARVALHO, M. E. P. de; RABAY, G.; BRABO, T. S. A. M. Direitos humanos das mulheres e das pessoas LGBT. In: FERREIRA, L. de F. G., ZENAIDE, M. de N. T., DIAS, A. A. (Orgs.). Direitos Humanos na Educação Superior: subsídios para a educação em direitos humanos na pedagogia. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2010.

GIL, Antônio Carlos. Como elaborar projetos de pesquisa. 4. ed. 12. reimpressão. São Paulo: Atlas, 2009.

TELAROLLI JUNIOR, R. *Sociedade, cultura e desejo: a sexualidade humana*. In: KUPSTAS, M. (Org.). Comportamento sexual. São Paulo: Moderna, 1997.

UNESCO. *O perfil dos professores brasileiros: o que fazem, o que pensam, o que almejam...* São Paulo: Moderna, 2004.

DISTOPIA, BARBÁRIE E CONTRAOFENSIVAS NO MUNDO CONTEMPORÂNEO